

O LUGAR DA LEITURA SILENCIOSA E DA LEITURA ORAL NA VIDA DE AMBRÓSIO, BISPO DE MILÃO (SÉCULO IV D. C.)

THE PLACE OF SILENT READING AND ORAL READING IN THE LIFE OF AMBROSE, BISHOP OF MILAN (FOURTH-CENTURY A.D.)

Janira Feliciano POHLMANN*

Resumo: Neste artigo nos propomos a relacionar elementos próprios da leitura silenciosa e da leitura oral na vida de Aurélio Ambrósio, bispo da cidade de Milão entre os anos de 374 e 397. Também aproveitamos a oportunidade para esclarecer algumas funções episcopais assinaladas por Ambrósio, especialmente a tarefa de ensinar. Para tanto, entre as obras examinadas para a execução deste trabalho, ressaltamos *De Officiis Ministrorum Libri Tres* e *Exameron*, de autoria do próprio bispo milanês, e o livro *Confessionis* de Agostinho, discípulo de Ambrósio.

Palavras-chave: Ambrósio – Bispo – Leitura silenciosa.

Abstract: In this article we propose to relate elements own of silent reading and reading oral in the life of Aurelius Ambrosius, bishop of the city of Milan between the years of 374 and 397. Also took the opportunity to clarify some episcopal functions signaled by Ambrosius, specially the task of teaching. For the achievement of our goals, we mainly examined *De Officiis Ministrorum Libri Tres* and *Exameron*, authored by own bishop milanese, and the book *Confessionis* of Augustinus, disciple of Ambrosius.

Keywords: Ambrosius – Bishop – Silent reading.

Ambrósio: um "doutor da eclesía"

Em um cenário no qual pululavam questões a respeito da consolidação do poder temporal e do poder espiritual, no século XIII, o papa Bonifácio VIII enfrentou conflitos com imperador Alberto I da Germânia (1291-1298), com a prestigiosa família dos Colonna e com Filipe IV de França (1285-1314) para acastelar a supremacia do poder espiritual, exercido pelos papas, sobre o poder temporal de reis e de influentes senhores de terras.

Entre as tantas ações levadas a cabo por Bonifácio VIII nesta empreitada, destacamos a preparação de discursos que buscavam amparar e explicar elementos considerados por ele – e por seu grupo de apoiadores – como os *verdadeiros* princípios

* Mestre em História – Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal do Paraná – UFPR – Campus Reitoria, CEP: 80.060-000, Curitiba, Paraná – Brasil. Bolsista CAPES - orientação do Prof. Dr. Renan Frighetto. Membro do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED). E-mail: janirapo@yahoo.com.br

da fé católica. Tais *verdades* foram devidamente elaboradas e legitimadas em várias obras escritas por Bonifácio VIII quando do encargo de papa católico, de 1294 até sua morte em 1303. Em meios aos seus escritos, ressaltamos o *Sextus decretalium liber* e a *Bula Una Santam*.

Em meio aos aspectos importantes do *Sextus decretalium liber*, para nosso estudo, notamos a construção de um discurso edificador dos alicerces da fé católica que recuperava o século IV d.C. ao evocar Jerônimo, Ambrósio, Agostinho e Gregório como “os melhores doutores da eclésia” do Ocidente (BONIFACIUS OCTAUIUS, *Sextus decretalium liber*, III, *De reliquiis et veneratione fanctorum*, 22). No caso das especificidades de nossos estudos, vale ressaltar a proeminência das ideias defendidas por Ambrósio entre os pensadores cristãos após 900 anos de sua morte. É digno de nota que Aurélio Ambrósio foi bispo de Milão entre os anos de 374 e 397. Muitas de suas concepções sobre o cristianismo niceno e a respeito do que era entendido como heresia prevaleceram – e ainda prevalecem – nos meios eclesiásticos mesmo com a morte deste bispo milanês. A retomada de seu nome, intensificado com o título de “doutor da eclésia”, no seio do cristianismo ocidental por Bonifácio VIII é mais uma prova da força das palavras de Ambrósio.

O título de "doutor da eclésia" outorgado pelo papa Bonifácio VIII corroborou, dentro do *Corpus Iuris Canonici*, o papel de professor desempenhado pelos eclesiásticos supracitados e os distinguiu como os autores dos primeiros escritos cristãos sobre a fé católica no Ocidente. Daí em diante tornou-se corriqueiro para eclesiásticos, teólogos, cristãos, historiadores e filólogos denominarem estas pessoas como "doutores da eclésia" e "pais da Igreja". Percebemos que a expressão "pai" tem sua utilização orientada pelo sentido de aquele que ensina o que é certo e que diz somente a verdade.

Antes de continuarmos nossas considerações, acreditamos ser essencial observarmos que, em nossas análises, a expressão *católica* (do grego καθολικός - católico: universal) é aceita a partir das premissas do Édito de Tessalônica, promulgado em 380, pelo imperador Teodósio. Em conformidade com este Édito, aqueles que seguissem os dogmas instituídos pelo Concílio de Niceia (325), seriam chamados de "cristãos católicos" (*christianorum catholicorum*) (CTh., XVI, 1.2.1).

Como evidenciam estas pontuais citações documentais, a construção de discursos em prol da fé católica, baseada nos princípios do Concílio de Niceia, já acontecia desde o século IV d.C. Lembremos ainda que este próprio Concílio fora convocado para esclarecer e delimitar os preceitos de uma determinada fé cristã.

Todavia, longe de ter sido consolidada na IV centúria, notamos que no século XIII ainda se investiam muita tinta e edificações retóricas na afirmação da supremacia de uma crença cristã específica, desenhada como a única verdadeira: a fé cristã chamada de católica, fundamentada em princípios nicenos, protegida pelos doutores da eclesía e superior a qualquer poder temporal.

De volta as funções dos doutores da eclesía, o papel do bispo como líder e professor de sua comunidade fora asseverado pelo próprio Ambrósio em seu *De Officiis Ministrorum Libri Tres*. O autor certificava que o papel principal do bispo era ensinar (*docere*), no entanto, ele deveria aprender (*discen*) para então poder instruir: "*Episcopi proprium munus, docere: sibi autem discen dum esse, ut doceat...*" (*De Officiis Ministrorum Libri Tres*, I, 1). Logo nas primeiras linhas do livro I desta obra Ambrósio salientava que o bispo deveria ser aluno para conseguir ensinar. Afinal, os responsáveis por levar os ensinamentos morais e divinos aos seres humanos deveriam possuir conhecimentos amplos e esta formação era adquirida apenas mediante aprendizado constante.

Ainda nesta obra, Ambrósio designava "aquele que ensinava" como "mestre" (*magister*) (*De Officiis...*, I, 1). Na antiguidade latina, o termo *magister* mesclava as noções de mestre, professor, preceptor, líder e chefe. Isto porque uma pessoa para ser chamada de *magister* deveria ser instruída nas mais diversas disciplinas (*ars, artes*). Somente amparada por uma vasta educação, deteria a sabedoria necessária para doutrinar e conduzir os seus liderados.

De maneira sucinta, o termo "doutor" (*doctor*) deriva do verbo latino *doceo* (*es, ere*) que significa "ensinar, instruir". Portanto, assim como "mestre", o termo "doutor", selecionado por Bonifácio VIII para fazer referência determinados escritores cristãos, também está relacionado "àquele que ensina".

Por este viés, percebemos que Ambrósio acastelava uma função episcopal demasiadamente prática e arrolada a vida ativa da sociedade na qual o bispo estava inserido. O bispo era um mestre e, como tal, dentre suas funções destacava-se o ensino daquilo que era avaliado - pelos padrões sociais, políticos e morais - como correto. Para executar esta tarefa, o eclesiástico necessitava inserir-se ativamente em sua comunidade, para ouvi-la, instruí-la e liderá-la. Todavia, como o próprio autor advertia, para ensinar era necessário aprender. E é aqui que começamos a identificar as correlações entre a oralidade e a leitura silenciosa na vida do bispo milanês.

Para nossa *sorte* de historiador ou em conformidade com o *acaso* de Duby - que selecionou pela ação do tempo e dos homens os documentos históricos que chegaram a nossa época -, além das inúmeras menções feitas por Agostinho a respeito de Ambrósio, seu mestre e responsável por sua conversão ao cristianismo, o bispo de Hipona ainda selecionou um escritor de nome Paulinus para redigir uma obra em homenagem à figura de Ambrósio: *Vita Sancti Ambrosii Mediolanensis Episcopi*. Compreendemos os cuidados exigidos durante a leitura de uma obra como esta, devido ao seu caráter elogioso e edificador acerca da vida do santo, como é próprio do gênero hagiográfico. Contudo, salientamos que esta obra nos revela informações essenciais sobre quem era e como vivia aquele bispo de Milão.

Segundo indicação de Paulinus, Aurélio Ambrósio nascera em 340 no seio de uma família cristã que contava com certo prestígio. Seu pai, também chamado de Ambrósio, exercia o cargo de prefeito da Galia e residia em Tréveris (*Augusta Treverorum*) quando Aurélio Ambrósio nasceu. Ainda menino, Ambrósio ficou órfão de pai e sua mãe mudou-se para Roma com ele e seus dois irmãos: Marcelina e Urânio Sátiro. Nesta cidade, Ambrósio recebeu uma formação fundamentada no estudo da gramática, literatura grega e romana, retórica e direito, em concordância com os padrões dos nobres cidadãos da época. É interessante notarmos o relevo oferecido por Paulinus com relação às habilidades desenvolvidas por Ambrósio na leitura da língua grega (PAULINUS (*Mediolanum*), *Vita Sancti Ambrosii Mediolanensis Episcopi*, 3), o conhecimento deste idioma ampliava arcabouço de leitura e o alcance das pessoas com as quais o bispo poderia se relacionar.

Neste ínterim, atentamos para o fato de que a literatura panegirística elaborada por Ambrósio para louvar imperadores mortos, Valentiniano II (392) e Teodósio (395), apresentavam forte influência de dois padres que escreviam em grego, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa. De acordo com Liebeschuetz, Ambrósio introduziu em seus panegíricos modificações próprias do cristianismo perpetradas por Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa (LIEBESCHUETZ, 2010, p. 175). Inovou, ainda, ao inserir nestes escritos elementos pertinentes ao contexto ocidental, berço de Ambrósio. Seus conhecimentos da língua grega ainda permitiram-lhe a aproximação e o estreitamento de laços de amizade com Basílio Magno, bispo de Cesareia (370-379).

A partir das informações de Paulinus sobre Ambrósio, percebemos que ele tinha a formação apropriada para um mestre. Conhecer as letras e se colocar à sua disposição eram atividades demasiadamente custosas, mas também bastante proveitosas naquela época. Uma formação adequada exigia tempo, investimentos financeiros, habilidade e prática frequente. Apreciador de retórica, direito, gramática, literatura, Ambrósio buscava o saber, especialmente, através da leitura silenciosa.

No livro VI de suas *Confissões*, Agostinho elogiara o empenho de Ambrósio em seu percurso pelo aprimoramento constante. Segundo o discípulo, Ambrósio, “no pouquíssimo tempo em que não estava com eles [com os homens de negócios], refazia o corpo com os alimentos necessários, ou o espírito com a leitura” (AUGUSTINUS, *Confessionis*, VI, 3,3). Em uma época em que leitura pública e a oralidade eram partes integrantes da vida daquela sociedade, nos perguntamos a que tipo de leitura (*lectio*) Agostinho se referia? Para tranquilizar nosso ímpeto por apreciações, o próprio discípulo do bispo milanês nos esclarece esta questão nas linhas seguintes de seu texto. Conforme Agostinho, os olhos de Ambrósio eram conduzidos pelas páginas enquanto seu coração procurava o sentido do que estava sendo lido, “mas sua voz e língua estavam em silêncio” (AUGUSTINUS, *Confessionis*, VI, 3,3). A ninguém era vedada a entrada no ambiente de leitura do bispo, por isso, inúmeras vezes, Agostinho presenciou esta ação de seu mestre. O bispo de Hipona certificou, ainda, que Ambrósio sempre era visto “lendo silenciosamente e nunca de outra forma” (AUGUSTINUS, *Confessionis*, VI, 3,3).

Agostinho justificava esta atitude de Ambrósio por dois motivos: para evitar que alguém porventura perguntasse ao bispo a respeito de alguma passagem que estava sendo lida – o que tomaria o tempo de aprendizagem de Ambrósio -; e com o intuito de preservar a voz – que facilmente enrouquecia. Deixando as especulações sobre as razões que faziam Ambrósio ler silenciosamente, Agostinho assegurava que como tal ação era executada por tão estimado homem, ela só poderia ser boa (AUGUSTINUS, *Confessionis*, VI, 3,3).

Em primeiro lugar, percebemos que a própria “pessoa de Ambrósio” justificava sua atitude. Quando Agostinho se questionou sobre o que levava o bispo de Milão a atuar daquela forma, os motivos em si eram irrelevantes, uma vez que eram praticados por aquela determinada figura. Conforme outra passagem de Agostinho, Ambrósio fora “honrado com muitos poderes” (*tantae potestates honorarent*) (Idem). Tais alegações agostinianas nos permitem observar que o conjunto das ações realizadas por Ambrósio

o distinguia e legitimava suas atitudes, provendo-o de autoridade. Por conseguinte, a leitura silenciosa levada a cabo pelo bispo milanês era corroborada, um exercício de aprendizagem pouco ou nunca praticado por aqueles que alimentavam sua mente e ampliavam seu conhecimento apenas pelo intermédio das palavras faladas, proclamadas por outros. Com isso, Ambrósio expandia sua maneira de alcançar o saber: às palavras faladas uniam-se as palavras escritas.

É fato que, a partir do século IV a prática da leitura silenciosa ganhou relevância, especialmente nos ambientes eclesiásticos, onde muitos clérigos se reuniam para ler os livros sagrados e se dedicar a interpretação dos textos, em busca das verdades divinas.

Pelas palavras de Agostinho notamos que Ambrósio, apesar de não ser o único em seu tempo a dedicar-se a leitura silenciosa, influenciou fortemente este exercício entre os seus seguidores. Sua autoridade como bispo e membro de uma distinta comunidade, certamente, amparou a funcionalidade desta prática perante seus discípulos.

Examinemos agora outra frase expressa por Agostinho. Conforme já citado, Ambrósio, “refazia o corpo com os alimentos necessários, ou o espírito (*animus*) com a leitura”. Na língua latina, a palavra *animus* englobava sentidos de “espírito”, “alma”, “sentimentos”, “coração”, “mente” e “intelecto”. Referia-se àquilo que animava, que impulsionava os movimentos dos seres. Embora nunca tenha deixado de ser o centro de inúmeros escritos filosóficos, observamos que ao final do século III, especialmente devido ao platonismo debatido por Plotino e, posteriormente no século IV, com o cristianismo niceno, o *animus*, esta porção componente do ser humano, teve sua importância cada vez mais engrandecida nas discussões de homens do saber. Tanto para os seguidores dos pensamentos de Plotino como para os cristãos nicenos, a “alma” deveria receber atenção concentrada por ser a única parte do ser humano a atingir a eternidade. Em conformidade com Ambrósio, por exemplo, a morte não deveria ser temida, mas sim desejada pelo piedoso, pois aquele que morria viveria novamente (AMBROSIUS, *De Obitu Valentiniani Consolatio*, 45), no reino dos céus. A noção de que a vida eterna era mais importante do que a temporal estava presente em vários textos redigidos pelo bispo. No livro *De Sacramentis*, por exemplo, o bispo milanês expressou claramente esta ideia: “... a vida eterna, que eles deveriam preferir a vida temporal.” (II, 7, 24).

Percebemos, então, o paralelo entre corpo e espírito desenvolvido por Agostinho: assim como o alimento sustentava o corpo – a parte terrena, carnal e mortal do ser humano –, o espírito – eterno e relevante – era estimulado com a leitura.

Evidentemente, o cuidado para prover o corpo era essencial. Afinal, a alma seria recompensada no mundo celeste de acordo com as ações realizadas no mundo terreno e para que estas obras fossem realizadas era necessária a energia proveniente dos alimentos. Ambrósio já professava os cuidados com a manutenção do corpo através da comida e da bebida, sem estes elementos a substância corporal careceria de forças (*Exameron*, VI, 9, 65), logo, seria incapaz de conhecer os ensinamentos de Deus e praticar ações dignas de prêmios na eternidade.

Abastecida a carne, “com os alimentos necessários”, as precauções voltavam-se ao espírito. Este, em conformidade com Agostinho, era mantido com a leitura, promotora de saberes, combustível para os sermões proclamados perante uma distinta eclesía por Ambrósio. Seus anúncios, repletos de ensinamentos, congregavam muitos fiéis e seduziam Agostinho, o qual registrou seu encantamento ao ouvir Ambrósio expor a palavra da verdade (*verbum veritatis*) todos os domingos (*omni die dominico*) ao povo (*populum*) (AUGUSTINUS, *Confessionis*, VI, 3,4).

Cabe aqui uma ressalva quanto ao termo “povo”. Para fazer referência ao grupo que se reunia com o intuito de escutar as mensagens do bispo de Milão, Agostinho utilizou a palavra *populus* e não *plebes* (plebe). Conforme indicações de Cícero, a expressão “povo” carregava com ela distinções de cidadania, direitos e deveres. Por outro lado, a palavra “plebe” designava a pessoa comum (CICERO, *De legibus*, I, III), irrelevante para a vida pública do Império dos romanos – segundo os princípios daquela sociedade que valorava o trabalho político-administrativo em detrimento do “trabalho braçal” (*labor*).

A mensagem divulgada por Ambrósio era carregada de valores tidos como corretos dentro daquela sociedade. Tais valores serviam de guia para sua comunidade. Entretanto, sabemos que um texto existe apenas a partir da inter-relação entre aquele que anuncia e o público selecionado. Uma mensagem porta ideias, conceitos e signos que são compreendidos por um espectador historicamente definido. Baseado nos conhecimentos adquiridos com a leitura silenciosa e pelas palavras faladas por outros doutos, Ambrósio elaborava, através das variáveis que compunham a arte da retórica, noções que serviram como moldes para um público previamente definido. Este espectador, entendedor da mensagem divulgada, guardava-a em sua memória e a

propagava. Desta forma, estes princípios eram agregados a memória social e coletiva. Certamente, a imagem passava por determinadas balizas sociais, construía um circuito de relações com outras imagens já difundidas, com outros espaços até, por fim, produzir determinados valores aceitos socialmente e frequentemente anunciados.

Por isso, voltamos a insistir na distinção dos ouvintes de Ambrósio. Estas pessoas deveriam ser capazes de compreender e promover os ensinamentos do bispo, elas necessitavam discernir o que lhes era dito, para aprender e transmitir as noções episcopais. Tratamos, portanto, de um grupo de prestígio, apto para entender as palavras ambrosianas e privilegiado também por conseguir se reunir aos domingos na importante cidade de Milão para ver e ouvir seu bispo. Este seletivo público auxiliava Ambrósio em sua missão de difundir o conhecimento acerca de Deus, bem como uma série de valores morais e respeito a hierarquias, princípios que garantiam a correta ordenação da sociedade dos romanos.

Alimentado o corpo, com comida e bebida, a alma com a leitura silenciosa e selecionado o público, Ambrósio voltava-se para o papel principal do bispo: ensinar (*docere*). O bispo afirmava que o sacerdócio exigia dele – e de seus pares – o ofício de ensinar (*officium docendi*) (AMBROSIUS, *De Officiis...*, I, 2). E este encargo era feito com o auxílio da língua, responsável pela produção da fala. A partir daí, segundo Ambrósio, a voz, conduzida pelo ar, era levada através do vazio para acalentar o sentimento do ouvinte, abrandar o que estava em ira, levantar o caído e consolar o que sofria (*Exameron*, VI, 9, 67). A voz episcopal era, portanto, o acalento e o norte de sua comunidade.

Durante o século IV, cada vez mais, o bispo desempenhava o papel de professor. Ele era responsável pelo ensino de sua eclesía e passou a ser visto como um líder; era a voz que intermediava os anseios entre seus fiéis e o governante do Império dos romanos. A afirmação de Ambrósio, acima mencionada, destaca os encargos de líder comunitário e de mestre que deveriam ser desempenhados com primazia pelos bispos.

A fim de cumprir com tais obrigações, Ambrósio lançava mão da arte da retórica para organizar os argumentos de seus textos e, pela oratória, buscava instruir seu público por meio das palavras faladas¹.

Portanto, verificamos que, para aprender, o bispo milanês recorria à leitura silenciosa. Por outro lado, quando o assunto era ensinar, ele servia-se da leitura oral. E, lembremos ainda que, para elaborar seus discursos, Ambrósio praticava a gramática e a retórica. Notamos claramente as relações entre estes elementos e a destreza do bispo ao

geri-los em prol do ordenamento de sua comunidade, ordem esta evocada e aclamada nas mensagens de seus discursos.

Desde a antiguidade grega até, aproximadamente, o século XII a oralidade desempenhou um importante papel cultural, ao lado da escrita (CARVALHO, 2005, p. 57–66). É certo que, para redigir, o autor pensava em seu público, todavia, o relacionamento desenvolvido no momento de escrever centrava-se na pessoa que escrevia e nas palavras que estavam sendo marcadas pela tinta. O escritor buscava em sua própria mente a melhor maneira de esclarecer suas ideias, escolhia os termos mais apropriados para isso e, então, anotava-os no códice ou no pergaminho. No processo da elaboração do discurso escrito o autor mergulhava em si mesmo para esquadrihar em sua memória tudo o que havia aprendido com suas leituras silenciosas ou com as palavras falados por seus professores e por diferentes oradores. Neste momento, o autor relacionava-se com ele próprio e com o que havia angariado durante sua formação, a qual quanto mais ampla mais patrocinava a mente que elaborava e as mãos que redigiam o discurso.

Já no instante do anúncio destas palavras a interação com o público era imediata. E se fosse esclarecedora, executada com os requintes da oratória, esta mensagem também interessaria a um espectador distante, tanto no tempo como no espaço. Afinal, o registro adequadamente escrito e proclamado adquiria força e se incorporava à memória individual e, posteriormente, à coletiva. Conforme já mencionado, os princípios corretamente organizados e anunciados pela voz habilidosa do orador norteavam as atitudes dos ouvintes e recebiam a proteção das mais distintas pessoas. Como era de costume na sociedade dos romanos, estas pessoas faziam questão de propagar o que tinham aprendido. Neste ínterim, as palavras escritas ganhavam vozes e teor de verdade e rapidamente se espalhavam por distantes rincões, sendo repetidas por outras vozes e reescritas pelas mãos de outros autores e copistas, atitudes que aumentavam a autoridade e a veracidade de tais palavras.

Portanto, verificamos que leitura silenciosa, escrita e leitura oral eram práticas complementares nas sociedades em que alguns dominavam as letras escritas e a oratória e outros dependiam destes homens de saber para receberem orientações sobre valores, organização, direitos, deveres e crenças válidos naqueles espaços e tempo historicamente definidos.

No encargo de suas funções de mestre, de professor, Ambrósio aproveitou a ocasião da reunião de um seletos público presente no funeral do imperador Teodósio

para defender sua crença da obediência da lei acima de todas as coisas. Para o bispo, o cumprimento da lei era o amor (*diligere*). O amor, por sua vez, encarnava a graça da caridade divina, a qual estava acima de todas as coisas desejáveis e a desejar (AMBROSIUS, *De Obitu Theodosii Oratio*, 17). Deste modo, no discurso elaborado por Ambrósio, a graça de Deus, o amor e a lei se entrelaçavam a fim de ser o motivo central da vida de cada ser humano. Elementos etéreos, sentimentos e normas políticas faziam parte de uma trama discursiva voltada para a vida prática daquela sociedade. A observância as noções especificadas nesta edificação retórica, novamente, condizia a sociedade dos romanos para a ordenação e para o bem comum, além de inserir naquele meio a importância dos preceitos de Deus, como convinha a um bispo.

Em concordância com discurso ambrosiano, para se cumprir a lei, era necessária a obediência ao evangelho (*evangelium*) (AMBROSIUS, *De Obitu Theodosii Oratio*, 18), afinal, quando os princípios consagrados pelos evangelistas eram adotados, alcançava-se a graça divina, a verdadeira demonstração de amor aos olhos de Ambrósio. Para tanto, o ser humano deveria ser virtuoso, pois somente através das virtudes seria possível agir baseado no amor, afastando-se dos afãs egoístas da vontade própria.

Dentre as tantas virtudes exaltadas naquela sociedade na qual Ambrósio estava inserido, o bispo destacou quatro delas como sendo as principais (*principalium virtutu*): prudência (*prudentia*), justiça (*justitia*), força (*fortitudo*) e temperança (*temperantia*) (AMBROSIUS, *De Officiis...*, I, 115). De acordo com os discursos ambrosianos, os seguidores destes princípios atuariam de forma correta e ordenada, exatamente como pregava o evangelho e como era conveniente a preservação da sociedade dos romanos. Desta forma, a sociedade se manteria organizada e todos seriam beneficiados. Logo, o bem comum seria atingido, em conformidade com os princípios da utilidade da liderança pública já estabelecidos desde a época de Aristóteles.

Ao ressaltar a obediência às leis, vinculada ao sentimento do amor, Ambrósio aproximava as políticas imperiais e as crenças cristãs nicenas do cotidiano de sua comunidade. Nas linhas de sua oração em louvor a morte de Teodósio, percebemos que as leis, acauteladas por Ambrósio eram tanto as relativas às legislações imperiais como as relacionadas às escrituras sagradas. O amor de Deus pelos homens e o de Teodósio por seus súditos serviam de exemplo a serem seguidos por toda a sociedade. Claramente, tais ensinamentos tinham como base as escrituras sagradas. Entretanto, "cabiam" perfeitamente no momento social no qual o bispo estava imerso.

Temos em mente que, longe de serem "inovações" dos discursos de Ambrósio, estas elaborações criadoras de padrões modelares eram cultivadas há muito tempo em textos produzidos sob a égide do Império dos romanos, e ainda antes dele. É certo que, a partir do século IV, ganharam novas "roupagens" e heróis. Em um mundo onde os documentos oficiais, cada vez mais recebiam traços de cristandade - sem excluir os elementos de outras crenças - os semideuses homéricos perdiam espaço para personagens bíblicos, os quais passavam a servir como parâmetro de comparação. Governantes e líderes passaram a ser delineados como o rei Davi, Abraão e Moisés, enquanto aqueles que colocavam em risco a sociedade dos romanos ganharam ares de Golias – imensos e fortes, mas derrotados perante a imponente dos apropriados chefes dos romanos.

A técnica argumentativa na qual os romanos sempre enfrentavam e venciam bravamente poderosos inimigos já fazia parte da literatura deste povo há muito tempo. O que dizer, por exemplo, do herói troiano construído por Virgílio? Depois de velejar mares bravios, e enfrentar deuses furiosos, Enéias estabeleceu-se na Península Itálica para fundar o povoado de onde nasceria Roma.

Especialmente a partir do século IV, quando autores cristãos ganharam respeito e notoriedade no ambiente político-administrativo do Império, estes artifícios de comparação entre os adequados líderes dos romanos e os grandiosos inimigos, que por eles eram combatidos, permaneceram como pontos pedagógicos e modelares na literatura romana. Fato totalmente compreensivo, visto que estes autores eram leitores de obras clássicas e faziam sua formação inicial em escolas que pautavam a educação de seus alunos nestas obras, bem como no ensinamento das chamadas artes liberais: gramática, retórica e dialética (que compunham o *trivium* da educação romana); e aritmética, geometria, música e astronomia (disciplinas que compunham o *quadrivium*). Embora nos escritos de autores cristãos Enéias tenha perdido seu posto para o rei Davi, o líder mais preparado para comandar e proteger os romanos continuava a enfrentar a fúria de inimigos grandiosos e, ainda sob a proteção divina (agora do Deus dos cristãos), este governante permaneceria vitorioso.

Percebemos, portanto, que apesar da mudança nos nomes dos heróis, a técnica de comparação entre o poderoso inimigo e o *verdadeiro* líder permanecia presente nas elaborações cristãs, afinal, continuava sendo bastante convincente e se prestava com louvor aos objetivos discursivos propagados naquele contexto: não importava o quão

imponente o inimigo fosse porque os seres virtuosos sempre seriam vencedores, uma vez que eram escolhidos e protegidos por Deus.

Quanto a nossa hipótese de que Ambrósio também estimava as leis imperiais, encontramos tais evidências em outro trecho do mesmo panegírico a Teodósio. O bispo ressaltou a bravura do imperador recentemente morto ao enfrentar muitos de seus aliados com o intuito de instituir leis que aboliram alguns cultos a ídolos:

[...] e estamos a celebrar o quadragésimo dia de Teodósio que, imitando-se em santo Jacó, suplantou infiéis tiranos e acabou com as ocultas imagens dos gentios – para todos nós, por sua fé, acabou com o culto aos ídolos e causou o desaparecimento de todas as suas cerimônias (T.A.) (AMBROSIUS, *De Obitu Theodosii Oratio*, 4).

Lembremos que Teodósio empreendeu ações desfavoráveis aos cultos às entidades do panteão greco-romano e do norte de África, como as leis que proibiram sacrifícios na Itália (*CTh.*, 16.10.10) e no Egito (*CTh.*, 16.10.11). Observamos que no trecho destacado da obra de Ambrósio o bispo exaltava as leis em benefício de sua fé e, conseqüentemente, de seu próprio ofício. Afinal, se não fosse ele o propagador de tais feitos imperiais, quem seria? Neste pequeno excerto, conseguimos notar o engrandecimento das atitudes de Teodósio, o qual foi comparado a Jacó, concomitantemente, percebemos a reprovação, por parte de Ambrósio, de cultos aos deuses do panteão greco-romano e norte-africano. Todas estas elaborações salvaguardavam tanto a imagem imperial como os princípios da fé nicena, tida pelo bispo como a verdadeira fé em Deus.

Atentamos para o fato de que a proclamação destes ensinamentos e anúncios de empreitadas recentes ou já sucedidas há tempos necessitavam atrair a memória do ouvinte para que tais declarações fossem captadas pela memória individual, ganhassem vozes e se integrasse a memória daquela sociedade.

Para seduzir e evocar a memória de seu espectador, Ambrósio utilizava muitas fórmulas indicadoras da oralidade que marcavam a relação entre o público e o orador. A todo o momento o bispo convidava seu público a participar dos discursos, neste processo, a memória do espectador trabalhava para guardar os ensinamentos.

Tanto os panegíricos a Valentiniano II e a Teodósio, como os seis livros da obra *De Sacramentis* estão repletos de formulações questionadoras. Perguntas que provocavam a interação com o ouvinte, mesmo que este participasse de forma silenciosa, mas contemplativa, pois eram perguntas retóricas, interrogadas e respondidas

pelo próprio Ambrósio. "O que é mais adequado: o desejo de um imperador ou uma lei?" (*De Obitu Theodosii Oratio*, 5.), perguntava Ambrósio ao tratar da supremacia da lei; "Por onde devo começar o meu lamento?" (*De Obitu Valentiniani Consolatio*, 2.), indagava o bispo no início do segundo parágrafo da consolação pela morte do imperador Valentiniano II.

Além das variadas fórmulas de questionamentos, observamos também, expressões verbais no vocativo latino. Na língua latina, este modo identificava um chamado, uma sugestão, uma solicitação - pode ser comparado ao modo imperativo no idioma português, quando temos um verbo que indica uma ordem, um apelo. Expressões como "ouçam/escutem" (*audite*), "veja" (*vide*) são encontradas em ambos os panegíricos de Ambrósio, estes procedimentos solicitavam - ou até mesmo exigiam - as considerações imediatas do espectador. Elas suspendiam momentaneamente as explicações para atrair a atenção do público ao que se ensinava naquele momento.

Outra técnica de Ambrósio para evocar seu espectador era o emprego de verbos conjugados na primeira pessoa do plural: ouvimos (*audiuimus*), celebramos (*celebramus*), devemos (*debemus*), faremos (*faciemus*), reconhecemos (*agnoscimus*), entre outros. Este artifício situava tanto o orador quanto seu público no interior dos fatos que estavam sendo proclamados. O "nós" era chamado para ser sujeito daquelas ações, desta forma, todos eram personagens ativos dentro das elaborações ambrosianas. Tal procedimento despertava sentimentos de pertença a um grupo, pois todos compartilhavam - ao menos retoricamente - daquelas empresas. Ambrósio era, então, a voz que representava este grupo, além de ser também a voz que ensinava, identificava e liderava uma determinada eclesía.

Além destas fórmulas que chamavam a atenção da memória imediata do público, Ambrósio também evocava memórias anteriores, muitas vezes de seus próprios ensinamentos mais recentes, para trazer à lembrança o que já havia sido dito, aquilo que já havia sido ensinado. Em um trecho do seu *De Sacramentis*, por exemplo, o bispo perguntava: "O que foi lido ontem?" (*De Sacramentis*, II, 2,3.). E em seguida já mencionava uma passagem de João (5,4) sobre anjos que anunciavam dádivas de Jesus aos homens. Pela indicação de Ambrósio, este trecho já havia sido lido - e provavelmente comentado - em um encontro no dia anterior.

A partir de elaborações como esta, o bispo despertava a vigilância do espectador, o qual era questionado, e retomava as lições ensinadas anteriormente. Suas fórmulas eram simples, resumidas e fáceis de serem apreendidas pela memória. Como se não

bastasse, a repetição destes ensinamentos foi mais uma das formas encontradas por Ambrósio para acessar firmemente a memória de seu público e, conseqüentemente, fazer com que suas palavras alcançassem uma determinada coletividade, visto que fazia parte da tradição romana divulgar o que se aprendera.

Com estas formas simplificadas, Ambrósio conseguia divulgar elementos próprios da cristandade e da tradição romana, vinculada a hierarquias sociais e a valores morais, princípios mantenedores da ordem daquela sociedade. Tornava-se um professor, por ensinar; um clérigo destacado, ao expor com facilidade as crenças cristãs nicenas; e um líder político e espiritual perante sua comunidade, ao ser um intermediário deste grupo tanto nos assuntos relacionados ao poder imperial como nas questões espirituais. Por meio destas habilidades, este bispo milanês instruía sua eclésia para que ela fosse fiel a figura imperial e a Deus.

Considerações finais

Estimulados pelos questionamentos a respeito do “lugar da leitura silenciosa e da leitura oral na vida de Ambrósio” fomos capazes de promover exames específicos a respeito de diversas tradições reelaboradas durante o século IV ocidental. Verificamos, entre outros detalhes, como algumas práticas eram complementares no cotidiano de homens do saber e, com isso, nos aproximamos um pouco mais de sujeitos de uma época distinta - que tanto nos encanta e ensina. Em conformidade com os argumentos apresentados neste trabalho, leitura silenciosa, elaboração discursiva através da escrita e promoção do conhecimento pela oratória faziam parte do cotidiano do mais famoso bispo de Milão, o qual exercia inúmeras funções perante a sociedade dos romanos.

Sabemos que se colocar a disposição destes saberes era demasiadamente custoso, todavia, bastante vantajoso naquele contexto do Império. Em um cenário onde poucos dominavam as letras, a leitura pública e a oralidade sugeriam valores e ideias adotados socialmente e que pautavam a o dia a dia das pessoas. É significativo notarmos que, no caso de Ambrósio, a mente que elaborava discursos propagadores destes ensinamentos buscava alimentar-se através da leitura silenciosa, passando os olhos sobre as palavras escritas e apreendendo delas seus sentidos. Atentemos para o fato de que uma ação tão corriqueira em nossa atualidade ocidental, como a leitura silenciosa, fora considerada estranha por Agostinho, discípulo de Ambrósio, mas também fora

respeitada por ele, afinal, a conduta e a sabedoria do bispo milanês eram tamanhas que garantiam a autoridade de suas atitudes.

A legitimação impulsionada por Ambrósio - e por outros doutos - garantiu à prática da leitura silenciosa um lugar de destaque no Ocidente, especialmente a partir da IV centúria. O silêncio mantido no ato da leitura possibilitava a concentração de muitos clérigos em uma única sala de leitura. Percebemos, portanto, um ambiente onde era possível a exploração das palavras divinas grafadas nas escrituras consideradas sagradas. Este agrupamento facilitava, ainda, posteriores reuniões de estudiosos para conversarem sobre o conhecimento acerca de Deus.

Além disso, ressaltamos que eram também a conduta, a sabedoria e o papel de liderança desempenhado por Ambrósio no seio daquela sociedade que afiançavam a importância e o caráter de verdade de suas palavras.

Depois que Ambrósio aprendia as lições por meio da leitura silenciosa e nutria sua mente de saberes, ele passava a se dedicar a oralidade para cumprir o que acreditava ser a missão primordial de um bispo: ensinar. Através das palavras episcopais, sua eclesía recebia orientações de como se portar de maneira virtuosa, sempre de acordo com as leis seculares e das escrituras sagradas. Ao obedecer estes princípios, a comunidade conservava a ordem social e a alma de seus fiéis seria abençoada na eternidade, uma vez que, durante a vida terrena, estas pessoas teriam promovido boas ações, sempre em benefício de todos.

Com base nestes argumentos, percebemos que cada prática tinha seu lugar estabelecido na vida de Ambrósio, o qual aprendia em silêncio para instruir em alto e bom som. Contudo, longe de pensarmos tais técnicas separadamente, necessitamos lembrar que a vida se desenvolve de forma complexa, fora de “gavetas”. Por isso, mais do que observarmos onde uma prática dava lugar à outra, o essencial é percebermos o quanto elas se complementavam e interagiam no cotidiano de Ambrósio para que ele fosse capaz de organizar discursos marcantes para sua eclesía. Elaboraões tão significativas para seu grupo e para a fé nicena que, por sinal, entre outras coisas, fizeram dele um dos “doutores da eclesía” ocidental novecentos anos após sua morte, pelo papa Bonifácio VIII.

Referências Bibliográficas

Documentos

- AMBROSIUS, Aurelius. *De Obitu Theodosii Oratio*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397_Ambrosius_De_Obitu_Theodosii_Oratio_MLT.pdf>. Acesso em 09 Mai. 2011.
- _____. *De Obitu Valentiniani Consolatio*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397_Ambrosius_De_Obitu_Valentiniani_Consolatio_MLT.pdf>. Acesso em: 09 Mai. 2011.
- _____. *De Officiis Ministrorum Libri Tres*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397_Ambrosius_De_Officiis_Ministrorum_Libri_Tres_MLT.pdf>. Acesso em: 27 Abr. 2013.
- _____. *De Sacramentis*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397_Ambrosius_De_Sacramentis_Liber_Sex_MLT.pdf>. Acesso em: 27 Abr. 2013.
- _____. *Exameron*. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397_Ambrosius_Exameron_Libri_Sex_MLT.pdf>. Acesso em: 27 Abr. 2013.
- _____. *Political Letters and Speeches*. Translated with an introduction and notes by J. H. W. G. Liebeschuetz with the assistance of Carole Hill. 2ª ed. Series Translated Texts for Historians. Liverpool: Liverpool University Press, 2010.
- AUGUSTINUS, Aurelius. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Coleção Vozes de Bolso. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. *Confessionis*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/august.html>>. Acesso em: 15 Out. 2012.
- BONIFACIUS OCTAVIUS. *Sextus decretalium liber, III, De reliquiis et veneratione sanctorum*, 22. Disponível online em: <http://books.google.com.br/books?id=JjpFDnB9Q08C&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 27 Abr. 2013.
- CICERO, Marcus Tullius. *De las leyes*. Versión de N. A. Rufino. Buenos Aires: Editorial Tor, s/d.
- _____. *De Legibus*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/leg.shtml>>. Acesso em: 27 Abr. 2013.
- PAULINUS (Mediolanum). *Vita Sancti Ambrosii Mediolanensis Episcopi*. Disponível em: <[http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397_Ambrosius_Vita_Sancti_Ambrosii_Mediolanensis_Episcopi_\[A_Paulino_Ejus_Notario\]_MLT.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397_Ambrosius_Vita_Sancti_Ambrosii_Mediolanensis_Episcopi_[A_Paulino_Ejus_Notario]_MLT.pdf)>. Acesso em 12 Nov. 2012.
- Imperatoris Theodosii Codex*. Disponível em: <<http://ancientrome.ru/ius/library/codex/theod/tituli.htm>>. Acesso em: 14 Jun. 2011.

Obras

- CARVALHO, Yone de. Oralidade e manuscrita. A perspectiva do narrador como chave de leitura do Tristan de Béroul. In : ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (coord. Geral). *Relações de Poder, Educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média*: estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro: I CIEAM, VII CEAM. Santana de Parnaíba, SP: Editora Solis, 2005, p. 57-66.

Notas

¹ Esclarecemos que, por intermédio dos textos ciceronianos, entendemos como retórica a arte de organizar os argumentos componentes do discurso. Já a oratória é uma das partes da retórica. Refere-se à arte do “falar bem”, com propriedade de causa.

Artigo recebido em 03/10/2013. Aprovado em 29/10/2013.